

O MAL ESTAR DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Thaisy Catarina Silva. Prefeitura Municipal de Cambé e Ibiporã

Resumo

O presente artigo buscou compreender qual a relação das dificuldades encontradas no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito à educação inclusiva, e o mal estar docente? Para isso, utilizou-se de uma pesquisa de campo através de um questionário respondido por sete professoras pertencentes à Escola Municipal Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco – Ibiporã – Pr acerca da problemática. Este artigo buscou também: a) compreender o que é este fenômeno mal estar docente; b) identificar quais são as inferências do mal estar docente; c) pontuar quais são as transformações ocorridas na profissão docente; d) compreender o que os documentos oficiais pontuam como educação inclusiva. Apresentando como resultados que o mal estar docente de fato é algo presente entre os professores, e que a busca da solução deste problema depende da aceitação do sujeito mediante ao fato de estar vivendo o mal estar docente, a busca por auxílio através do processo de formação continuada.

Palavras-chave: mal estar docente; educação inclusiva; formação continuada.

Introdução

A educação a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX passa por um processo de transformação. Os paradigmas acerca do papel do professor no ambiente escolar, passam a ser modificados ao ponto em que o professor deixa de ser o detentor de do conhecimento e passa a ser mediador, ao passo em que o aluno já não é mais tratado como uma tábula rasa e seus conhecimentos e vivências passam a ser adotados como ponto de partida no processo educativo.

Todas essas modificações agregaram ao papel do professor especificidades as quais as formações iniciais não proporcionavam a ele preparo suficiente para tais transformações. Coube aos professor enfrentarem a realidade e buscarem novos conhecimento e recursos metodológicos a partir da formação continuada.

Com as mudanças ocorridas no contexto social, o ambiente educacional agregou novas funções e desafios, o que gerou uma sobrecarga sobre os professores o que foi responsável por desencadear fenômenos de ordem psicológica como o mal estar docente.

As questões acerca do processo de inclusão de alunos portadores de necessidades nas escolas regulares, trouxe a muitos professores novos desafios, levando em consideração que muitos não se sentiam preparados para este processo.

Levando em consideração tais questões, este trabalho se inicia a partir da seguinte problemática: qual a relação das dificuldades encontradas no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito a educação inclusiva, e o mal estar docente? Com o intuito de responder a problemática central norteadora da pesquisa e partindo do principio que a formação continuada contribuiu no enfrentamento do mal estar docente estabelecemos como objetivos a) compreender o que é este fenômeno mal estar docente; b) identificar quais são as inferências do mal estar docente; c) pontuar quais são as transformações ocorridas na profissão docente; d) compreender o que os documentos oficiais pontuam como educação inclusiva.

Assim, adotamos como procedimento metodológico uma pesquisa de campo, a qual buscou a partir de um questionário indagar professoras de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Ibiporã sobre suas angustias e conhecimentos acerca do mal estar docente e a educação inclusiva.

Metodologia

A fundamentação desta pesquisa, parte da concepção de formação enquanto em processo complexo e contínuo que perdura ao longo da trajetória docente, na qual a formação inicial é o ponto de partida para o contínuo

processo formativo. Assim, para compreendermos como a formação continuada contribui no enfrentamento do mal-estar docente, optamos pela pesquisa qualitativa que para Ludke e Andre (1986), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada enfatizando mais o processo do que o produto, assim se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes(MINAYO,2003).

Deste modo, entendendo que o professor é o principal agente de mudança frente às dificuldades encontradas no ensino, a amostra da pesquisa foi composta por 6 professoras e a diretora pertencentes ao quadro de docentes da Escola Municipal Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco do Município de Ibporã – PR. Tais profissionais possuem tempo de serviço na rede municipal variando de 1 ano a 22 anos de atuação.

Para que os dados pudessem ser levantados, foi realizado um questionário contendo 7 questões dissertativas foram entregues as professoras acompanhados de uma carta de apresentação, em que deixava explícito que, por questões éticas, houve a preocupação de manter o anonimato das participantes, assim como foram explicados a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de se obter respostas, objetivando promover o interesse dos docentes em participar da pesquisa. E para manter o anonimato dos professores, eles foram nomeados de P1 até P7.

Resultados

Quais são as principais dificuldades enfrentadas em sala de aula?

Quando questionadas sobre as principais dificuldades enfrentadas em sala de aula, as professoras apontaram: indisciplina, falta de interesse por parte dos alunos e desrespeito ao professor. Deste modo, percebemos pela fala dessas profissionais, que esses temas apontados como dificuldades acabam gerando ao longo do ano um processo de desânimo e desmotivação em relação ao seu trabalho.

Em algum momento, você pensou em desistir da carreira de docente? Por quê?

Frete a esta questão 6 das 7 professoras responderam de modo afirmativo a esta indagação. Foram apontados como motivação a esse sentimento de desistência fatores como: desvalorização da profissão, baixo retorno financeiro, falta de apoio pedagógico por parte da equipe de direção e coordenação nos primeiros momentos da docência, falta de limite dos alunos, sobrecarga de funções sobre o professor que ao ver da professora em alguns casos são da alçada de outros profissionais, dificuldade em visualizar a importância de seu trabalho e o reflexo deste na vida dos discentes e seus familiares.

Você já ouviu alguma vez a expressão mal estar docente? Caso sua resposta seja afirmativa, escreva o que você compreende por mal estar docente.

Nesta questão 3 professoras responderam não ter conhecimento sobre o que é mal estar docente.

A P1 respondeu da seguinte forma: “*essa expressão não ouvi, mas acredito ser uma estafa um cansaço, os professores encontram-se desanimados (...)*”

P5 “*Já. É quando ao executar a ação docente o professor se vê mal por algo que está dificultando o seu trabalho no processo de ensino – aprendizagem*”.

P6 “*Sim. O esgotamento mental e físico*”.

P7 “*O mal estar docente se desencadeia devido ao esgotamento promovido pelo cotidiano desgastante que os professores convivem, causando problemas psicológicos e de saúde*”.

As professoras caracterizaram o mal-estar docente como sendo uma estafa mental e física que afeta a saúde psicológica dos professores, sendo unânime a atribuição das causas desse mal ao contexto de trabalho do professor e as situações desgastantes do cotidiano escolar e da ação docente.

A partir disso, tais respostas vão ao encontro da definição adotada por Maslach e Jackson (1981, apud SANTINI, 2009, p. 123), que definem a Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP) ou mal-estar docente como

sendo “[...] uma reação à tensão emocional crônica, caracterizada pelo esgotamento físico e/ ou psicológico, por uma atitude fria e despersonalizada em relação às pessoas e um sentimento de inadequação com relação às tarefas a serem realizadas.”

Você acredita já ter vivenciado, em algum momento da sua trajetória profissional, o mal estar docente? Em que situação?

As mesmas professoras que responderam a pergunta anterior de modo afirmativo argumentaram frente a essa questão.

P1 *“Sim, quando trabalhei com uma turma de 1º ano, sentia-me cansada, desiludida. Tinham dois alunos que precisavam de atendimento especial, mas no primeiro ano não tem avaliação do setor responsável. As vezes eu chorava, pensava em desistir de tudo, parecia que eu não conseguia atingir meus objetivos diários”.*

P5 *“Já. Quando inúmeras vezes me senti impotente diante das dificuldades dos meus alunos que vão além da minha formação profissional”.*

P6 *“Sim. Em uma situação específica com dois alunos do primeiro ano, eu não tinha conhecimento suficiente para lidar com aquela situação que era nova e não tive o apoio nem de profissionais específicos e nem da família destes alunos”.*

P7 *“Sim. Quando me senti desmotivada a trabalhar por conta das dificuldades encontradas principalmente no interesse dos alunos e do comportamento em uma determinada comunidade escolar. Sentia que para eles o que eu estava ensinando não tinha valor e nem sentido”.*

Ao atribuírem as causas do mal-estar docente, ao contexto desgastante do cotidiano escolar as professoras entendem que as características desse mal surgem quando a prática pedagógica torna-se esgotante, ao passo que não conseguem lidar com as situações de conflitos e dificuldades existentes no ambiente escolar. Estes fatores influem diretamente na ação docente, em que de acordo com Esteve (1995), trata-se de um dos fatores predisponentes do mal-estar docente. Nota-se a referência feita pelas

professoras em questões referentes a inclusão escolar e o despreparo enfrentado por elas para lidar com esses alunos.

Você se sente preparada para trabalhar com os alunos de inclusão na escola regular? justifique.

Quatro professoras alegam não se sentir preparada para trabalhar com os alunos de inclusão na escola regular alegando falta de equipe multidisciplinar para dar o suporte necessário, infra estrutura e recursos e por não saber lidar com situações pontuais referentes a necessidade do aluno. As outras três professora alegam se sentir preparadas, porém, segundo elas não possuem experiências profissionais e portanto, sentem-se de certo modo inseguras.

Neste sentido, é valido ressaltar o que discutimos no que diz respeito a Educação Inclusiva. Por se tratar de algo relativamente novo no ambiente escolar, muitos professores de fato não foram capacitados para receber esses alunos na escola regular, e os que obtiveram a capacitação sentem-se inseguros, pois as mesmas de certo modo foram superficiais e não possibilitaram de fato a vivência com esses alunos. Assim, é necessário novamente ressaltar a necessidade da formação continuada, pois, através delas obteremos recursos e vivência para que possamos nos sentir mais capacitados para desempenhar nosso trabalho com qualidade, além é claro da necessidade de um apoio multidisciplinar de profissionais para garantir melhores condições a esses alunos.

Discussão

1- O MAL ESTAR DOCENTE

A expressão mal estar docente, surge como um conceito pedagógico proposto por Esteve (1995), o qual tem como intuito discorrer sobre um conjunto de reações dos professores como um grupo profissional desajustado, também apresentado na literatura internacional como “malaise enseignant, teacher’s burnot (LOPES,2001). Tal expressão é utilizada para “descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do

professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, devido à mudança social acelerada” (ESTEVE,1995,P.98). Para tal autor, o mal esta docente trata-se de uma doença contemporânea, a qual afeta professores do mundo todo, tendo como causa os avanços sociais e a incompatibilidade dos docentes de acompanhar essas mudanças. Assim, tem – se que o mal estar docente é caracterizado por um sentimento de frustração e exaustão de ordens físicas e emocionais frente as dificuldades de se adaptar as mudanças que ocorrem no contexto escolar. Trata-se do sentimento de impotência relatado por vários professores, os quais não conseguem redefinir seu papel diante das transformações, assim, ele transfere para si a culpa por não saber lidar com as situações conflitantes do ensino e todas as suas tentativas de superar as adversidades apresenta-se inúteis e sem sentido.

O mal estar docente é uma doença que tem como principio o descompasso das ideias do professor e a realidade do seu trabalho. É um fenômeno que tranzita entre a vontade apresentada pelo professor de exercer a docência e as reais condições encontradas no ambiente escolar, de tal forma, que o sujeito perde o ânimo, o sentido da sua relação com o trabalho, sentindo-se exausto e frustrado se desilude com o ensino diminuindo significativamente a qualidade de seu trabalho. De acordo com Esteve (1995), existem critérios que expressam as novas concepções na área da educação, as quais influenciam no papel a ser desempenhado pelo professor no processo de ensino / aprendizagem, contribuindo de forma relevante para o desajustamento dos docentes. Tais critérios estão relacionados com o significado e alcance do trabalho desempenhado pelo professor, conseqüentemente favorecendo ao surgimento do mal estar docente. Esteve, apresenta alguns fatores divididos em primeira ordem (variações intrínsecas ao trabalho escolar) e segunda ordem (relacionadas ao contexto). Os fatores de primeira ordem dizem respeito diretamente às ações do professor em sala de aula. Os de segunda ordem possuem uma ação indireta, ou seja, afeta diretamente a motivação do professor, gerando sentimentos como frustração, impotência, desajustes, os quais influenciam na imagem que o professor tem de si mesmo, referindo as condições ambientais ao contexto que se exerce a docência.

Um dos fatores que contribuem com esse mal estar docente está relacionado às limitações que a formação acadêmica apresenta por não oferecer os subsídios necessários para um trabalho direcionado ao âmbito escolar, principalmente público. Também, pode ser atribuído pela multiplicidade de papéis e por fatores sociais como: o medo, a insegurança, a violência no ambiente escolar.

Muitos cursos de formação de professores, no entanto, lidam com o magistério como se ainda existisse o “País das Maravilhas”. Proporcionando-lhes uma formação conservadora e tecnicista, impedindo-os de constituírem-se profissionalmente de forma crítica e reflexiva (OLIVEIRA, 2006, P.38).

1.1 – Inferências do mal estar docente

De acordo com Esteves (1995) as principais consequências que o mal estar docente podem causar na personalidade do professor são: 1) A ansiedade como um estado permanente, associado em termos de causa-efeito a diagnósticos de doença mental. 2) Stress; 3) Depreciação do “eu” como uma autculpabilização perante a incapacidade de ter sucesso no ensino; 4) Depressão; 5) Reações neuróticas; 6) Esgotamento como consequência de tensão acumulada; 7) Desejo manifesto de abandonar a docência; 8) Um sentimento de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal de professor.

Nóvoa (1999) e Santini (2009) apontam que de longa data os professores vem sofrendo de mal estar docente na profissão, o qual acarreta consequências em sua saúde física, mental e emocional, o que pode ser visualizado a partir de sintomas como: desmotivação pessoal com a carreira docente, abandono, insatisfação, indisposição, desinvestimento e ausência de reflexão crítica dentre outros sintomas que remetem a autodepreciação do professor. Para Santini (2009, p. 126) “o grau, o tipo e o número de manifestações apresentadas dependerão da configuração de fatores individuais, fatores ambientais e do estágio em que a pessoa se encontre (...)”. Essas reações normalmente são percebidas pelos próprios colegas de trabalho

que percebem as alterações no comportamento do indivíduo, o qual tem a tendência a negar que esteja ocorrendo algo errado com ele.

Frente as implicações causadas na saúde física, emocional e psíquica que o mal estar docente é capaz de causar, os professores afetados por essa situação utilizam-se de estratégias de defesa para suportar este quadro, buscando amenizar estes sentimentos de impotência. Santini (2009) pontua: o absenteísmo, ou falta no trabalho sem nenhuma justificativa, como uma tentativa de “dar um tempo”, escapando momentaneamente das situações de stress acumuladas em sua rotina, atestados médicos, pedidos de transferência de escola, desvios de função, e em último caso, o abandono da profissão docente.

Apesar das estratégias de fuga darem uma sensação momentânea de alívio, não promovem ao indivíduo a solução para seu mal estar docente. Assim, logo que o professor retoma sua rotina escolar, é novamente acometido pelos mesmos sintomas e dificilmente admitem que o problema esteja neles colocando a culpa apenas no ambiente de trabalho. Outra estratégia de fuga apontada por Santini (2009) principalmente nos professores de Educação Física, é a transformação deste sujeito em o que chamamos de “ professor rola bola”, tal fato caracteriza-se pela presença do professor em seu posto de trabalho, porém este se abstém psicologicamente de suas responsabilidades e compromentimentos com a função educativa, e no lugar de cumprir seu papel social de ensinar ele simplesmente entrega a bola a seus alunos e os deixa “brincar” livremente. Porém, devemos nos atentar ao fato de que, nem todo o professor descomprometido com seu papel de ensinar está de fato com o mal estar docente, tal pratica também pode ser proveniente da teoria que embasa sua ação, ou apenas uma questão de comodismo em que cumpra apenas o seu horário de trabalho, sem de fato estar trabalhando.

O mal estar docente só pode ser solucionado a partir do momento em que o professor se conscientiza de sua condição e passa a buscar formas de solucionar o seu problema. Ada Abraham (1987, apud Esteves, 1995 p. 110) agrupa esses professores que estão passando por esta crise de identidade em quatro grupos distintos, sendo estes: um grupo que aceita a ideia de mudança do ensino como algo inevitável da mudança social. O segundo grupo, que se

sente incapaz e inibido de desenvolver sua função frente a ansiedade que a mudança lhes causa utilizando –se da estratégia de suportar as mudanças e continuar repetindo o mesmo padrão de atitudes em sala de aula. Em terceiro, um grupo de professores que alimentam abundantes contradições, sem conseguir colocar em prática soluções que resolvam o conflito daquilo que julgam ideal e da realidade, adotando uma conduta flutuante sobre a valorização de mudança do sistema de ensino. O quarto grupo assume o medo frente às mudanças, são professores que apresentam um déficit em suas habilitações ou que julgam a mudança como algo dotado de efeitos negativos.

Tais apontamentos nos fazem refletir sobre a importância da formação dos docentes, pois através delas, é que o professor encontra meios de se adequar aos avanços sociais. Assim, tem-se que o sujeito quando é formado de forma aberta para enfrentar as mudanças, compreende que o conhecimento não é algo estanque e por isto está em constante transformação. Deste modo destacamos a importância da formação continuada como meio de auxiliar esses professores a se prepararem para lidar com as mudanças. Os professores que se encontram neste processo de crise de identidade, somente poderão garantir seu sucesso a partir das mudanças de atitude frente as transformações ocorridas no âmbito educacional.

1.2 – Alguns apontamentos sobre a profissão docente

Os fatores causais para o mal estar docente estão diretamente ligados aos avanços ocorridos na sociedade e no retrocesso do aperfeiçoamento da profissão docente. Ao mesmo tempo em que os avanços sociais favoreceram para o crescimento de outras profissões a sensação é que para a profissão docente tais avanços não ocorreram. Nóvoa (1999,P.21), considera que isso ocorre devido ao fato de que o “campo educativo é ocupado por inúmeros atores (Estado, Igreja, família, etc) que sentem a consolidação do corpo docente como uma ameaça aos seus interesses e projetos”.

É evidente o crescimento no lado oposto ao da profissionalização do ensino, Hypolito (2009) e Nóvoa (1992) entendem como a proletarização do ensino ou a desprofissionalização dos docentes. Assim, ao passo que através

da profissionalização o professor almeja melhorar seu estatuto, elevar seus rendimentos e aumentar seu poder de autonomia, a proletarização promove uma degradação desses aspectos, influenciando esses profissionais de modo antagônico.

Hypolito (2009) aponta que o controle técnico e político da educação pelo sistema Neoliberal tende a reforçar o processo de desqualificação e de desprofissionalização, prejudicando profundamente a identidade do docente e conseqüentemente seu emocional, intensificando ainda mais seu trabalho para suprir as demandas do sistema.

Essas mudanças afetam profundamente a identidade docente e permitem ou impõem uma nova discussão sobre os encargos e sobrecargas de trabalho que o magistério vê-se obrigado a experimentar. Essas novas mudanças na organização do processo de trabalho da escola, de natureza pós-fordista, não somente interferem nos corpos, mas também, e talvez principalmente, no emocional, fazendo que os processos de intensificação se internalizem e se transformem em processos de auto-intensificação. (HYPOLITO 2009, p.108)

Os professores, a partir desse processo, sofrem os impactos negativos e inibidores das demandas externas, tornando-se assim, cada vez mais empobrecidas as condições de trabalho do docente.

De acordo com Falsarella (2004) o caminho para reverter essa situação é dar ênfase a formação continuada de professores, sendo de fundamental importância a conscientização dos professores sobre a importância de buscar novos saberes para que ocorra a mudança.

2 – A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A *Declaração de Salamanca*, documento assinado por 92 países na Espanha em 1994, que tornou-se um marco histórico no que diz respeito a inclusão escolar de alunos portadores de necessidades especiais foi um documento assinado na Conferencia Mundial sobre Educação para necessidades Especiais, porém, na ocasião o Brasil não se fez presente. Em

suma, este documento prega a necessidade de se reconhecer que a escola é “um lugar que inclua todo mundo e celebre as diferenças”.

A Educação Inclusiva trata-se do processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais ou de distúrbios de aprendizagem na rede regular de ensino. Esta recomenda que todas as pessoas devem ser inseridas na escola regular, independentemente de suas condições sócio-econômicas. Dentre as necessidades educacionais especiais podemos identificar a deficiência sensorial (auditiva e visual), deficiência mental (como autismo e diversos graus de deficiência cognitiva), deficiências múltiplas (paralisia cerebral e outras condições), dislexia, superdotados, entre outras (GLAT et al., 2006).

A Educação inclusiva desafia professores equipe pedagógica a realizar mudanças no ensino e em suas práticas pedagógicas realizadas na escola, de forma que visa o benefício a todos os alunos. Segundo Glat & Oliveira (2003) é importante reconhecer as características e dificuldades individuais de cada aluno para então, poder determinar qual tipo de adaptação curricular é necessário para que ele aprenda.

A Educação Inclusiva a princípio apresentou-se como uma inovação da Educação Especial, porém, posteriormente se expandiu em todo contexto educativo com a busca de uma educação de qualidade que alcançasse a todos, enfatizando a diversidade dos alunos.

No contexto da Educação especial, realizada em escolas específicas para estes alunos que apresentavam alguma necessidade especial o trabalho era desenvolvido com base em um conjunto de terapias individuais como: fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia e Psicopedagogia, porém, pouca ênfase era dada a atividade acadêmica durante o período em que estes alunos passavam nessas escolas (GLAT,1989). Havia uma resistência quanto às possibilidades de estes alunos conseguirem se desenvolver a ponto de ingressar na cultura formal da escola regular.

A mudança nos olhares para a Educação Inclusiva tem trazido grandes desafios à Educação. A Educação hoje é concebida como um conjunto de recursos que a escola regular deve ter à sua disposição para atender todos

os alunos (GLAT & PLETSCHE, 2004). O modelo segregado que era apresentado pela Educação Especial passou a ser questionado e a inserção dos alunos com deficiência na classe regular está cada vez mais intensa nas escolas brasileiras.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, estes alunos portadores de necessidades especiais apresentam os mesmos direitos que os alunos que não apresentam tais necessidades. “Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

A partir disso, no âmbito das políticas educacionais e da integração, as escolas especiais devem preparar os alunos para serem integrados em classes regulares recebendo atendimento de acordo com sua necessidade (GLAT & FERNANDES, 2005).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial (MEC-SEESP, 1998), compreende que o conceito de escola inclusiva implica em uma escola regular propor no projeto político-pedagógico, no currículo, na metodologia, na avaliação e nas estratégias de ensino, ações que favoreçam a inclusão social e práticas educativas diferenciadas que atendam a todos os alunos.

Porém, o Ministério da Educação alerta que a inclusão não significa somente matricular os educandos nas escolas regulares e ignorar suas necessidades especiais, mas sim dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica (MEC/SEESP, 1998), devendo assim, qualificar os professores, equipe pedagógica e todos os envolvidos com o ambiente escolar para que promovam o aprendizado e a inclusão destes alunos da melhor forma possível.

Conclusão

O cenário educacional ao longo dos anos vem sofrendo mudanças significativas que interferiram de forma considerável no papel do professor, um dos principais atores desse cenário. O professor acabou agregando funções e especificidades que não diziam respeito ao seu papel na escola. No entanto, apesar da importância de sua função social, os investimentos por parte das autoridades educativas em sua profissão ainda continuam os mesmos. Deste modo, sobrecarregados, seus objetivos são confrontados com as reais condições de ensino surgindo assim uma das principais doenças advindas destas condições, o mal-estar docente.

Deste modo a formação continuada de professoras desponta neste cenário como algo essencial para que estes docentes possam se sentir seguros e preparados para desempenhar seu papel com qualidade no ambiente escolar.

A Inclusão Escolar garantida de forma legal de acordo com a Constituição Federal de 1988, ganhou ênfase com a Declaração de Salamanca de (1994) e surge no contexto escolar como mais um desafio a ser enfrentado pelos professores.

O mal estar docente, infelizmente acaba sendo uma realidade cada vez mais presente no ambiente escolar. Assim, cabe ao professor conscientizar-se de tal situação e buscar através da formação continuada e dependendo da gravidade em que se encontra auxílio de outros profissionais, para se restabelecer e conseguir enfrentar a adversidades propostas.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988 – BRASIL

ESTEVE, José Manuel. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, Antonio. Profissão professor. 2. ed. Porto: Porto Celebra, 1995. P. 93-124.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente – A sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de. Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru: Edusc, 1999. 177 p.

FALSARELLA, Ana Maria. **Formação contínua e prática de sala de aula: os efeitos da formação da formação continuada na atuação do professor.** Campinas: Autores Associados, 2004. 230 p.

GLAT, Rosan, MACHADO, Katia; BRAUN, Patricia. **Inclusão Social.**

GLAT, Rosana; FONTES, S. Rejeane; PLETSCHE, D. Marcia. **Uma breve reflexão sobre o papel da Educação Especial frente ao processo de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em rede regular de ensino.**

GLAT, Rosana; FERNANDES, M. Edicléa. **Da educação segregada a educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial Brasileira.**

HYPOLITO, Álvaro M. et al. **Reestruturação curricular e auto intensificação do trabalho docente.** Currículo sem fronteiras, Pelotas, v.9, n.2, jul/dez. 2009.

LOPES, Amélia. **Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções.** Cadernos do Criap, Asa, p. 59-61, 2001.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 80 p.

NÓVOA, Antonio. **O processo histórico do processo de profissionalização do professorado.** In: _____ Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1999, p.15-34.

OLIVEIRA, HELOISA S.G. **O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas.** Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 7, fev/ mar. 2006.

SANTINI, Juarez; MOLINA NETO, Vicente. **A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de Porto Alegre.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n. 3, p. 209-222, jul/set. 2005.

Endereço do autor(es): Rua Santos 488, ap 102

Linha 1:- Formação de professores em Educação Física: Processos formativos inicial e contínuo para a docência; b) caracterização acadêmica e profissional da especificidade do trabalho docente; c) saberes e competências para intervenção docente; d) políticas de educação e formação de professores; e) teorias do conhecimento na formação de professores